

# A rosa da areia

Há um ano, José Cardoso Pires esteve presente nas comemorações oficiais da fundação da República Árabe Democrática Sarauí, em representação do Movimento Mundial da Paz.

Antes das cerimónias oficiais, permaneceu alguns dias no deserto em contacto com o povo armado sarauí. É dessa convivência que resulta fundamentalmente este depoimento.

Em substância, não creio que possa acrescentar agora alguma coisa às entrevistas que dei à Rádio e ao «Diário de Lisboa» na altura em que regresssei do Sara. A estadia foi relativamente breve e o deserto é imenso e palpitante de realidades ocultas.

Isto não quer dizer que a razão e a luta do povo sarauí, não sejam acessíveis, mesmo de longe a qualquer cidadão de consciência: a leitura política da carta do Sara não é aquela análise complexa nem aquele entrecruzar de meridianos contraditórios que os cartógrafos dos nómadas transacionais apregoam como tarefa superior dos políticos que os servem. Pelo contrário. Penso que é coisa flagrante e evidente e a prova está na clareza com que as decisões da ONU reconhecem os direitos sarauís e no desespero histórico dos países que se lhe opõem.

Questões como a do apoio argelino a esta guerra de independência e os acordos que ele possa desenvolver no futuro (acesso ao Atlântico, desbloqueamento do Mediterrâneo, cooperação técnico-industrial, etc), tudo isto é material real, sem dúvida, tudo isso faz parte indiscutivelmente da agenda de progresso da República Democrática Sarauí, mas incomoda, e ensombra e desafia a arrogância neocolonialista. Daí a mentira, a especulação.

Mas além da carta política do Sara, há a das riquezas naturais que os programadores das reservas capitalistas escondiam ciosamente. Fosfatos, petróleo, gás natural, as pescas - sim, tudo isso. E há finalmente a carta derradeira, o mapa dos «direitos» históricos que é aquele por onde se guiam os colonialistas desesperados para dominar o Sara.

Hassan do Marrocos é o último dos mercadores a exhibir esse mapa. Emoldurou-o em glórias e em mentiras e, aceitando com ele, atirou para o deserto um exército de esfomeados e de comandantes gordos, numa marcha sonhada em verde que em breve se tingiu de sangue e que hoje é negra, de luto.



Falei com prisioneiros marroquinos: camponeses na maioria (alguns na casa dos 50 anos). Jovens sem emprego que se alistaram na «Marcha Verde», indígenas recrutados das cabildas, oficiais da média burguesia. Centenas e centenas de expedicionários de um califado corrupto caídos às mãos de um povo jovem, armado e com vontade política: ali, prisioneiros numa aventura, assistiam, confusos, à derrota da mentira de Sua Majestade.

No deserto sente-se, é uma evidência permanente, a consciência com que mulheres e homens fazem a guerra e organizam a vida civil. Como são íntimos da vastidão das areias e como sabem prová-lo, construindo escolas e dispensários, abrindo poços, pequenas hortas, maternidades (muitas maternidades: há uma nação a fazer). Construindo e organizando para ficar - e isso demonstra a total confiança com que avaliam o inimigo, triunfando sobre ele, operação após operação.

Aliás, nas conversas com os quadros superiores do Exército a nota dominante é a preocupação do futuro, o após-guerra. Sabem como é difícil e incomensurável o seu espaço natural mas é ali que têm de realizar, que estão reali-

zando, o sonho do mártir Quali, numa perspectiva socialista ajustada às características do povo. Assentes numa economia primitiva e com um passado acentuadamente nómada (alheio às formas burguesas da propriedade e da hierarquia) sem indústria, sem concentração religiosa, os sarauís optaram naturalmente por um socialismo de base que está longe de se identificar com o modelo maioista. Aqui a politização é prática e decorre espontaneamente das exigências da guerra e do dia-a-dia em comunidade. Nada do exibicionismo ideológico mesmo nos quadros mais responsáveis, nada de fanatização heróica que fazem as longas marchas culturais.

Por outro lado, e pelo que me foi dado observar em tão curta permanência, não se antevê aqui a pressão religiosa que leve a ler Marx segundo Mahomed ou a traduzir Revolução por Khomeinização. O estatuto da mulher sarauí é um sinal bem significativo desse distanciamento: quando as via ombrear com os homens na responsabilidade dos cargos era nisso que pensava. Mas era sobretudo no trato, na maneira directa de olhar e no lugar participante que ocupavam na vida social, que se

percebia que o harém religioso estava longe e que jamais poderia voltar.

Foi uma mulher sarauí que me ofereceu em Tindouf uma rosa de areia calcinada. «Rosa do Deserto», assim chamada nas boutiques de Argel. Penso em ambas, na mulher e na rosa. Elas dizem-me que alguma coisa de grande e de belo se guardava na aridez do passado e que um novo país acaba de nascer dele, duma flor de areia.

José Cardoso Pires